

NARRATIVAS HISTÓRICAS DA SÉRIE PUIGGARI-BARRETO: LEITURAS PARA A EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA NOS GRUPOS ESCOLARES

Arnaldo Pinto Júnior¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as narrativas históricas apresentadas pelos livros de leitura da Série Puiggari-Barreto, refletindo sobre suas perspectivas de educação moral e cívica. Considerando o cenário sociocultural da República (1889-1920), problematiza-se discursos patrióticos e visões redentoras da educação frente a diversidade do público escolar e das práticas de leitura.

No campo da História da Educação, diversos estudos que abordam a gradativa ampliação do universo escolar brasileiro a partir de meados do século XIX levam em consideração as relações existentes entre o processo de difusão mundial da escola (NÓVOA; SCHRIEWER, 2000) e os projetos de educação desenvolvidos no país. Sobretudo no denominado mundo ocidental, a referida difusão promoveu o surgimento de programas destinados ao ensino primário articulados às agendas políticas que defendiam ideais de progresso e modernização, os quais posicionaram as instituições escolares como lugares privilegiados de formação das novas gerações. Nesse sentido, a educação pública assumia a função de alicerce da sociedade democrática, por meio de uma escola primária universal, gratuita, organizada e supervisionada pelo Estado, instância responsável pela execução dos projetos de modernização e desenvolvimento sociocultural do povo (SOUZA, 2013).

As demandas oriundas do avanço do capitalismo industrial nesse período estabeleceram novos valores éticos, morais e estéticos para os grupos sociais envolvidos em seu campo de abrangência. Pensando em mudanças e permanências no âmbito da educação, as escolas primárias receberam o encargo da formação do cidadão moderno, sujeito que deveria ser apto a responder aos desafios trazidos pela industrialização e urbanização, capaz de viver produtivamente em outras configurações de tempo e espaço, contribuindo para a construção de uma nação civilizada (BOTO, 2014; GONDRA, 2004).

Diante da crescente racionalização das atividades administrativas e pedagógicas da escola primária, observou-se que:

Na segunda metade do século XIX, os saberes ordinários da escola primária – leitura, escrita, cálculo e doutrina cristã foram considerados insuficientes para a formação das crianças. Era preciso, pois, ampliar a seleção cultural para a escola, elegendo, no interior da cultura literária, científica, técnica e doméstica, os conhecimentos úteis para a escolarização da infância, como as ciências físicas e naturais, a história, a geografia, a geometria, a educação física, os trabalhos manuais, o desenho, a música e a instrução moral e cívica (MEYER; KAMENS; BENAVIDES, 1992 apud SOUZA, 2013, p. 260).

Tratado por alguns como o “século das ciências”, por outros como o “século do nacionalismo”, o XIX deixou marcas indeléveis nos currículos escolares. Tanto os entusiastas do progresso científico e quanto os ardorosos defensores da nação não poderiam conceber uma escola sem suas visões de mundo. Assim, noções de deveres cívicos e patrióticos foram incluídas nos programas de ensino primário, bem como outras percepções físicas e intelectuais acabaram valorizadas na formação dos estudantes. Em meio a constituição de uma liturgia da

¹ E-mail: apjbrasil@hotmail.com.

escola moderna (BOTO, 2014), a ampliação da seleção cultural incorporou novos saberes, práticas, exemplos e valores aos anteriormente trabalhados. Mesmo não sendo o foco deste trabalho, é importante ressaltar que estudos que abordam a história das disciplinas escolares e suas implicações sociais nos auxiliam a compreender melhor a complexidade das referidas mudanças e permanências nos currículos oficiais (CHERVEL, 1990; GOODSON, 1997).

No processo de difusão mundial da escola, os intercâmbios culturais fortaleceram a imagem das instituições escolares como espaços imprescindíveis para a consolidação dos projetos de modernização e progresso da sociedade em geral. Ao analisar o sistema educativo e as perspectivas de estabelecimento da escola moderna na Argentina, Pablo Pineau (2014) comparou as condições históricas do referido país com outros da América Latina, destacando como diferentes governos buscaram formas para sua melhor inserção no concerto do mundo civilizado, muitas vezes desejando um sistema de educação redentor. A redenção, neste contexto, significava a superação do atrasado cultural, a libertação do povo de seu passado ignorante e sem perspectivas de progresso, a equivalência aos países civilizados. A ideia da educação redentora não deixa de ser ambivalente nos países latino-americanos, nos quais a força do cristianismo é reconhecida em diferentes esferas sociais e políticas. Por outro lado, as propostas modernas de sistemas de ensino circulavam em sua relação inextricável com o cientificismo, o racionalismo, o enciclopedismo e as visões de um Estado laico.

No caso do Brasil, os projetos republicanos difundidos desde a década de 1870 foram pautados por ideais de modernização do país. A atuação política de positivistas e liberais evidenciam esse ideário ao exaltarem uma nação mais forte e próspera, defendendo “a formação de um novo homem ajustado à realidade e às necessidades daquele momento” (FERREIRA; CARVALHO; GONÇALVES NETO, 2016, p. 114). No decorrer dos debates políticos neste período, invariavelmente a educação escolar aparecia associada ao progresso nacional. Segundo Carvalho (2011, p. 7), “a escola foi, no imaginário republicano, signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o Progresso”.

Após a queda do regime monárquico, podemos mencionar, dentre as primeiras realizações políticas do novo governo, um conjunto de medidas que impulsionaram a reforma geral da instrução pública. Para os republicanos, a instrução popular, que incluía o ensino primário e a formação de seus professores, seria um centro multiplicador das luzes, “impulsionando a história em direção ao progresso e à liberdade” (MONARCHA, 1999, p. 172).

Em meio aos avanços e retrocessos das políticas públicas republicanas, editores e professores responderam aos projetos educacionais elaborando matérias didáticas que corresponderiam aos programas vigentes. Oportunidade de negócios para uns, ampliação de espaços de atuação no magistério para outros, a diversificação de títulos de obras escolares avançou em paralelo à expansão do número de escolas.

Ao abordar os livros de leitura como principais fontes da pesquisa, procuramos participar das discussões que tratam da produção, circulação e recepção de tais obras. A fonte livro de leitura é compreendida como livro didático, produzida para o uso escolar, material de apoio ao trabalho docente e referência para o estudo discente. Portador de expectativas educacionais e de valores culturais, o livro didático é objeto variável e instável (BATISTA, 1999), produto que atende necessidades de mercado (MUNAKATA, 2012) e de complexa definição (CHOPPIN, 2004). Dentre inúmeras pesquisas e interpretações sobre os livros didáticos que poderiam ser mencionadas, nos atemos aos autores supracitados por considerarmos importante ressaltar os diferentes usos e fins desses produtos culturais.

Escrita a quatro mãos pelos professores Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto, integrantes do quadro do magistério paulista nos anos iniciais da República, os livros da série graduada de leitura Puiggari-Barreto foram editados a partir de 1904 pela Livraria N. Falconi

& Cia, baseada em São Paulo. No ano de 1908, com a aquisição da referida empresa pela Livraria Francisco Alves, a série passou a fazer parte do catálogo de uma das principais editoras do país (REZENDE, 2016, p. 40).

Pesquisadores que analisaram a Série Puiggari-Barreto, destinada à educação primária, afirmam que a mesma era composta por quatro volumes (OLIVEIRA; SOUZA, 2000; PANIZZOLO; BELO, 2016; REZENDE, 2016). Entretanto, chama a atenção o anúncio impresso na contracapa do *Segundo livro de leitura* e do *Terceiro livro de leitura*, ambos editados em 1911, da possível publicação do quinto volume da série. Mesmo sem encontrarmos em nossas pesquisas de campo o referido volume, surgem dúvidas sobre a suposta publicação. Acreditamos que o anúncio pode ter sido impresso sem a devida atenção, pois é difícil considerar que diversos pesquisadores não encontraram tal obra.

Focalizando o conjunto dos quatro volumes analisados, a narrativa dos livros se aproxima do estilo da obra italiana intitulada *Cuore*, de Edmundo de Amicis, o que se distancia do modelo enciclopédico bastante difundido no período (OLIVEIRA; SOUZA, 2000). No texto de apresentação aos professores do *Segundo livro de leitura* – 9ª edição de 1911 –, os autores afirmam:

Nosso modesto trabalho é mais didactico que literario; por isso não citamos parcialmente as fontes de onde respigámos muito dos assumptos que vão entremeiados ás producções puramente originaes. [...] Que os nossos compatriciosinhos dellas se aproveitem com a maior avidez é o que desejam os autores (BARRETO; PUIGGARI, 1911, p. 3).

Em uma série marcada por textos, poemas e imagens que retratam a vida do menino Paulo (personagem principal) a partir do momento em que ele entra na escola, a ênfase dos autores na perspectiva didática precisa ser destacada. Paulo e seus familiares são representados como exemplos a serem seguidos: o atencioso pai (Dr. Silva Ramos), médico respeitado na cidade, cumpridor de seus deveres e caridoso com os pobres; a zelosa mãe (D. Julia), mulher bondosa com os filhos e necessitados; a irmã mais nova (Luíza), criança desobediente que recebe punições corretivas em diversos momentos. Completando as relações sociais do menino educado e prestativo, personagens menos acionados como o irmão mais velho, a avó, o padrinho e alguns amigos.

Mas como uma série graduada de leitura, composta basicamente por textos com viés literário, pode ser apresentada com didática? A estratégia dos autores passa pelas relações sociais que Paulo constrói a partir da família, dos amigos da escola e dos moradores de sua cidade. Ao ser educado por pessoas exemplares, o menino aprende como deve se portar em uma sociedade que valoriza princípios éticos e religiosos inabaláveis. Na escola, professores ensinam ao estudante Paulo os conhecimentos fundamentais para a formação do futuro cidadão.

Pensando nas possíveis experiências curriculares desenvolvidas nas escolas que adotaram a Série Puiggari-Barreto, entre lições de tolerância, respeito e boas maneiras, seus volumes também traziam narrativas históricas perpassadas por princípios de educação moral e cívica. Ao selecionar fatos qualificados como relevantes do passado, os autores defendiam valores modernos e republicanos ao exaltar o espírito patriótico dos homens que formaram o Estado nacional. Sobretudo no *Quarto livro de leitura* (BARRETO; PUIGGARI, 1909), textos, poemas e imagens são apresentados com temas históricos. Nesse volume, Paulo vive situações de aprendizado cívico e moral tanto na escola como em sua casa. Com seu pai, o diretor da escola e os amigos, o menino compartilha visões de cidadania imbricadas aos discursos moldados pelo nacionalismo republicano. Assim, Tiradentes aparece como mártir do Brasil, ao mesmo tempo que a figura da Princesa Isabel não é lembrada na relação com o fim da escravidão. Na memória republicana, parecia não existir espaço para os sujeitos históricos do período monárquico. Em um cenário de embates socioculturais, os republicanos que governavam o país tiveram o

cuidado de estabelecer, ao menos no campo simbólico, ideais nacionalistas e identitários que não incluíam vozes dissonantes.

A República reatualizou problemas latentes na sociedade brasileira, tais como: as questões da identidade e da unidade nacional. A transição do Império para a República representou momentos de crises e tensões sociais com grande perigo de desagregação. Era preciso, pois, construir um novo universo simbólico (SOUZA, 1998, p. 266).

No processo de consolidação da república, os grupos escolares foram criados para assumir um papel fundamental na construção da identidade e da unidade nacional, colaborando na formação do moderno cidadão. A elaboração da imagem de país civilizado passava pelos espaços e tempos da escola republicana, responsável pela transmissão da cultura brasileira e de seus desejáveis valores morais e cívicos (SOUZA, 1998).

Entre as tensões e as contradições existentes nas escolas primárias do período, como estudantes e professores oriundos de diversos grupos sociais se apropriaram das obras ora analisadas?

Infelizmente não temos à disposição marcas de leitura nos volumes analisados, registros de professores ou cadernos de estudantes para tentar responder este e outros questionamentos que podem surgir no diálogo com referenciais da história cultural e da história da leitura (ABREU, 1999; DARNTON, 1992). Entretanto, reconhecendo que as narrativas históricas da Série Puiggari-Barreto atendiam os projetos políticos das elites republicanas no início do século XX, acreditamos nas potencialidades da crítica histórica da cultura para a compreensão das dimensões éticas e estéticas dos processos educativos.

Referências

ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

BARRETO, A. O.; PUIGGARI, R. *Quarto livro de leitura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

BARRETO, A. O.; PUIGGARI, R. *Segundo livro de leitura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 529-575. (Coleção Histórias de Leitura)

BOTO, C. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 99-127, set./dez. 2014.

CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1992, p. 199-236.

FERREIRA, A. E. C. S.; CARVALHO, C. H. de; GONÇALVES NETO, W. Federalismo e educação no Brasil republicano: dilemas da organização educacional (1889-1930). *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 38, n. 2, p. 109-120, abr./jun. 2016.

GOODSON, I. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MEYER, J.; KAMENS, D. H.; BENAVIDES, A. *School knowledge for the masses: world models and national primary curricular categories in the twentieth century*. Bristol: Falmer Press, 1992.

MONARCA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

MUNAKATA, K. O livro didático como mercadoria. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 3 (69), p. 51-66, set./dez. 2012.

NÓVOA, A.; SCHRIEWER, J. *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000. (Coleção Educa História, v. 4)

OLIVEIRA, C. R. G. A.; SOUZA, R. F. de. As faces do livro de leitura. *Caderno CEDES*, Campinas, a. XX, n. 52, p. 25-40, nov. 2000.

PANIZZOLO, C.; BELO, M. D. Educar a infância para o futuro da nação: uma análise da Série de Leitura Puiggari-Barreto (1890-1920). *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 20, n. 3, p. 367-376, set./dez. 2016.

PINEAU, P. Guerra a la escuela bárbara. El establecimiento de una estética moderna en los orígenes del sistema educativo argentino. In: PINEAU, P. (Dir.). *Escolarizar lo sensible. Estudios sobre estética escolar (1870 -1945)*. Buenos Aires: editorial Teseo, 2014.

REZENDE, F. “*Uma sciencia que todos devemos conhecer*”: um estudo sobre a higiene na série graduada de leitura Puiggari-Barreto. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SOUZA, R. F. de. A formação do cidadão moderno: a seleção cultural para a escola primária nos manuais de Pedagogia (Brasil e Portugal, 1870 – 1920). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 13, n. 3 (33), p. 257-283, set./dez. 2013.

_____. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.